

UM MERGULHO “NAS ÁGUAS DO TEMPO”, DE MIA COUTO

*Ana Cláudia da Silva**

RESUMO:

No conjunto das obras de Mía Couto, observamos que a temática do tempo é recorrente. Neste estudo, apresentamos o modo como ela se desenvolve, a partir de um de seus contos mais paradigmáticos, intitulado “Nas águas do tempo”. Nele, o narrador recebe a incumbência de dar continuidade à comunicação entre os vivos e os mortos, cuja perpetuação era, para aquela comunidade, garantia de paz.

PALAVRAS-CHAVE: Literaturas africanas de língua portuguesa; Literatura moçambicana; Mía Couto; Tempo.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo principal a análise do conto “Nas águas do tempo”, de Mía Couto (1996), abordando especificamente a tematização do tempo e a relação deste com a constituição do narrador. Para isso, abordamos o tema do tempo em algumas obras de Mía Couto, a fim de demonstrar como o tempo, enquanto tema, tem sido uma presença constante em sua obra. Em seguida, observamos como o narrador se constitui em relação a esse tempo narrativo, e como o autor, ao elevar a experiência à condição de narrativa literária, colabora com a missão dada à sua personagem, de preservar alguns valores das culturas de matriz banta.

* Doutora em Estudos Literários (UNESP). Professora do Mestrado em Letras - Linguagem, Cultura, Discurso da Universidade Vale do Rio Verde.

1. A temática do tempo nas narrativas de Mia Couto

O tempo, nas narrativas de Mia Couto, tem um lugar privilegiado, não apenas como estruturador das narrativas, mas também como tema. Em um dos capítulos de seu romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, por exemplo, encontramos a seguinte epígrafe: “O bom do caminho é haver volta. Para ida sem vinda, basta o tempo” (COUTO, 2003, p. 123). A insistência em tematizar o tempo, como veremos a seguir, parece indicar um projeto de resgate do tempo perdido, passado: ao escrever suas narrativas, Couto reitera sempre a importância de se guardar o passado, a história da nação, os valores dos antepassados. Pode-se dizer que, ao escrever sobre um tempo do qual já quase não se tem vestígios no presente da nação moçambicana, o autor busca “reverter” o curso do tempo, transformando a sua literatura num espaço onde se encerram, metaforizadas, verdades já esquecidas.

Para Afonso (2004, p. 21), “o papel da memória na construção de uma identidade nacional está no âmago da literatura moçambicana”. Essa literatura, segundo a autora, tenta interpretar as desordens do tempo presente à luz do passado – seja resgatando-o em narrativas históricas, seja recriando-o em narrativas em que a maravilha e a realidade se mesclam. Vale lembrar que o conceito de maravilhoso deve ser problematizado no que diz respeito às literaturas africanas. Para nós, o chamado realismo maravilhoso pode ser concebido em duas acepções: na primeira,

[...] maravilhoso é o ‘insólito’, o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano. [...] O maravilhoso recobre, nesta acepção, uma diferença não qualitativa, mas quantitativa com o humano; é um grau exagerado ou inabitual do humano [...]. Assim, o maravilhoso preserva algo do humano, em sua essência (CHIAMPI, 1980, p. 48).

Numa segunda acepção, maravilhoso coincide com o sobrenatural, que, produzido pela intervenção de seres sobrenaturais, difere radicalmente do humano. “Aqui, já não se trata de grau de afastamento da ordem normal, mas da própria natureza dos fatos e objetos. Pertencem a outra esfera (não humana, não natural) e não têm explicação racional” (CHIAMPI, 1980, p. 48). Esta segunda acepção do realismo maravilhoso é mais operacional no que diz respeito às literaturas africanas de língua

portuguesa. Em Mia Couto, frequentemente a ordem sobrenatural irrompe no meio da narrativa – ou, mais comumente, no seu desfecho – como forma de transcender a realidade natural, acrescentando a esta possibilidades que transcendem às do real cotidiano.

Esse emprego de uma lógica não racional é recorrente nas crenças e nas tradições dos povos africanos do pré-colonialismo. Em Moçambique, a população fala perto de vinte e cinco línguas africanas (AFONSO, 2004, p. 33); embora aparentadas entre si – o que facilita a comunicação –, essas línguas indicam, em sua multiplicidade, a grande variedade de etnias que compõem a população nacional. Essas etnias, na sua origem, são fundadas em crenças, símbolos, rituais e imagens que traduzem uma visão religiosa (CAVACAS, 2001, p. 20) – para os ocidentais, maravilhosa – da realidade.

Com base nisso, alguns autores africanos têm refutado a identificação de seus textos com o realismo maravilhoso, visto que, na cosmovisão da população local, tradicional, o que para nós surge como algo sobrenatural, está para eles em consonância com o repertório cultural com que buscam explicar a realidade. Este aspecto é fundamental para que entendamos como se dá a percepção do tempo nas culturas africanas tradicionais.

O tempo nas culturas bantas

Observamos, nas línguas das culturas de matriz banta,¹ uma ausência de palavra para referir o que entendemos por tempo. Para eles, o tempo está associado sempre a algum acontecimento:

[...] Aqui ele está sempre referido a um terremoto, a uma inundação, a um eclipse, ao aparecimento de um cometa, ao reinado de determinado chefe. Tempo, na cosmologia banto, é

¹ A denominação “bantos” refere-se a um grupo de povos de raça negra, distribuídos entre a África equatorial e a austral, falantes de inúmeras línguas reunidas sob tal denominação. Trata-se de um termo técnico, usado pelos linguistas para referir os falantes de línguas que têm a mesma origem e aparentam-se entre si (HOUAISS, 2001). Embora os bantos não constituam uma raça ou civilização; embora não se possa, a rigor, falar em arte ou cultura banta, apropriamo-nos da denominação linguística (tal como fazem outros pesquisadores) para referir as culturas dos povos falantes de línguas bantas. Embora seja correta a flexão de gênero do adjetivo, é frequente encontrarmos a forma masculina designando também substantivos femininos.

“uma entidade incolor, indiferente, enquanto um fato concreto não vem para selá-lo” (KAGAME, 1975, p. 115). Seu entendimento será incompleto se não lhe estiver associada alguma noção de lugar (RODRIGUES, [s/d.]).

A marcação do tempo, portanto, nas culturas bantas, não está ligada a um sistema de contagem abstrato (horas, minutos, segundos), mas a eventos cotidianos, como o pôr do sol, o amanhecer, a hora do sol quente, da ordenha etc.

Nós, ocidentais, estamos acostumados a ter uma imagem linear do tempo: o presente foi antecedido pelo passado e será substituído pelo futuro. Não é essa, entretanto, a imagem do tempo nas culturas bantas. Para compreendê-la, é preciso entender sua noção de futuro:

Entre os povos bantos, a importância dos antepassados os situa sempre em viva e estreita correlação com a vida atual de seus descendentes. Os homens do presente voltam-se constantemente para os seus ancestrais, a fim de ter certeza de que suas ações se orientam na direção de metas desejáveis, que em última instância se materializam na perpetuação da linhagem. Na cosmologia banto as ações presentes direcionam-se para o passado, com a finalidade de garantir o “futuro”. Mas a ideia de futuro acaba sendo bastante especial, uma vez que, ao eleger como meta a perpetuação, a cosmologia banto implicitamente supõe que é o próprio passado o que se deverá encontrar reeditado no futuro. Disso resulta que o tempo de certa maneira corre “para trás” (RODRIGUES, [s/d.]).

Os teóricos discordam quanto à interpretação do tempo na África. Mbiti (1970 *apud* RODRIGUES, [s/d.]) tende a negar a existência da ideia de futuro nas culturas bantas e propõe a ideia de tempo cíclico, marcado por rituais (tais como os ritos de iniciação ou de entronização) em que são repetidos gestos do passado, como tentativa de perpetuar indefinidamente a existência do grupo. Kagame, por sua vez (1978 *apud* RODRIGUES, [s/d.]), admite que há uma concepção banta de futuro, em que este aparece sempre balizado pelo passado – e, por isso, prefere considerar o tempo africano como um tempo espiralado.

O tempo nas narrativas de Mia Couto

Nas narrativas coutianas, o tempo, além de ser representado como tempo cíclico – ou tempo espiralado –, aparece também como tema que estrutura a obra, conferindo-lhe um caráter unificador. É frequente encontrar nos títulos das obras de Mia Couto (romances e contos) elementos que façam alusão à ideia de tempo. A seguir, faremos um breve panorama de algumas obras de Mia Couto que abordam, de forma mais ou menos explícita, o tempo como tema estruturador.

- *Vozes anoitecidas* (1987): Essa obra é a primeira em prosa publicada pelo autor e a segunda de sua carreira como escritor.² Trata-se de uma coletânea de contos, publicada pela primeira vez em Maputo, em 1983, na qual “o narrador concebe uma tessitura humano-social adequada a determinados lugares e respectivos quotidianos” (CRAVEIRINHA, 1987, p. 9). Segundo José Craveirinha (1922-2003), um dos mais importantes poetas moçambicanos da contemporaneidade, essa obra ajuda a compor um

[...] capítulo cultural importante de uma fisionomia africana com personalidade moçambicana, umas vezes nas simbologias, outras vezes em certos desfechos, reacções e codificações de um fatalismo místico, ritualista, aparentemente imaginado mas extraído da própria vida. (CRAVEIRINHA, 1987, p. 11)

Nessa obra, encontramos, já nos títulos dos contos, palavras referentes ao tempo, como em “O último aviso do corvo falador”. “O dia em que explodiu Mabata-bata” (este, um dos contos mais conhecidos de Mia Couto) e “A menina de futuro torcido”.

- *Cronicando* (1993): Este volume, publicado pela primeira vez em Maputo, em 1988, reúne crônicas jornalísticas do autor. Nele encontram-se, igualmente, títulos de crônicas em que o tempo aparece como

² A primeira obra publicada por Mia Couto é um livro de poemas intitulado *Raiç de orvalho* (1983), com poemas de temática amorosa e alguns de temática social.

determinante das narrativas: “O dia em que fuzilaram o guarda-redes” e “O retro-camarada”.

- *Cada homem é uma raça* (1998): Publicada inicialmente em Lisboa, em 1990, também nesta coletânea de contos encontram-se narrativas que tematizam o tempo: “O apocalipse privado do tio Geguê” e “O ex-futuro padre e sua pré-viúva”.

- *Terra sonâmbula* (1995): Trata-se do primeiro romance de Mia Couto, publicado em Lisboa em 1993; embora sendo o primeiro, alcançou grande repercussão de público e crítica. No enredo, dois tempos e duas narrativas misturam-se, formando uma *mis-en-abyme* em que o presente da narrativa entrelaça-se com o passado, revivido pela leitura dos escritos de um morto.

- *Estórias abensonhadas* (1996): Esta obra, publicada em Lisboa em 1994, traz um prefácio em que o autor localiza os contos da coletânea no tempo pós-guerra,³ em que a esperança retorna à terra moçambicana: “Onde restou o homem, sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo” (COUTO, 1996, p. 6). Também aqui encontramos narrativas curtas que tematizam o tempo: “Nas águas do tempo”, “Joãotónio, no enquanto”, “O bebedor do tempo”.

- *A varanda do frangipani* (1997): Este segundo romance de Mia Couto é uma narrativa policial, na qual um investigador busca desvendar um crime cometido num asilo de velhos; entretanto, a narrativa dá margem para que se infira uma outra trama, metaforizada pelas histórias dos anciãos, que se constitui como um delito mais grave a ser reparado “O verdadeiro crime que está a ser cometido aqui é que estão a matar o antigamente...” (COUTO, 1997, p. 59). Trata-se da sabedoria dos ancestrais, extinguindo-se sob a égide da modernidade.

³ Trata-se da guerra civil que assolou Moçambique após a independência, isto é, de 1975 até 1992 (COUTO, 1997; AFONSO, 2004).

- *Contos do nascer da terra* (1997): Esta nova coletânea de narrativas curtas, publicada em 1997, em Lisboa, traz novamente o tempo como elemento de composição do título das narrativas: “A última chuva do prisioneiro”, “O último voo do tucano” e “O derradeiro eclipse”.
- *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003):⁴ Este último romance de Mia Couto, vindo a público em Lisboa, em 2002, apresenta a saga da família Mariano, na qual o autor retrata as contradições entre as tradições arraigadas no território africano e a sua condição pós-colonial. Essa discrepância entre dois tempos diferentes permeia toda a narrativa, desde o título até as epígrafes ficcionais dos capítulos, onde o tempo é também tematizado, como se observa a seguir: “A mãe é eterna, o pai imortal. (Dizer de Luar-do-Chão)” (COUTO, 1993, p. 69); “O bom do caminho é haver volta. Para ida sem vinda basta o tempo. (Curozero Muando)” (COUTO, 2003, p. 123); “Veja a vida como é: eu tenho dois corações e só vivi a vida pela metade. Nasci no dia em que, no céu, dois sóis brilharam. E, no entanto, para mim, foi sempre noite. (Avô Mariano)” (COUTO, 2003, p. 193); “Eis o que aprendi nesses vales onde se afundam os poentes: afinal, tudo são luzes e a gente se acende é nos outros. A vida é um fogo, nós somos suas breves incandescências. (Fala de João Celestioso [...])” (COUTO, 2003, p. 241).

Como pudemos observar, o tema do tempo é relevante na obra do autor. Vejamos como ele se configura no conto que tomamos como objeto principal de estudo.

2. “Nas águas do tempo”: a narrativa e o curso do tempo

O conto “Nas águas do tempo” é o conto de abertura de *Estórias abensonhadas* (COUTO, 1996). No breve prefácio, o autor situa os escritos ali reunidos como tendo sido produzidos depois da guerra. Publicados em 1994, em Lisboa, esses contos teriam

⁴ Um estudo mais detalhado sobre este romance encontra-se no livro *O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto* (SILVA, 2010).

sido escritos, portanto, depois de 1992, quando foi assinado um acordo de paz entre a Frente para a Libertação de Moçambique (FRELIMO) e a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), dois partidos que se antagonizaram, arrastando o país por muitos anos de guerra civil. Couto refere-se a essa guerra como “[...] uma guerra apocalíptica, era uma guerra de tudo contra todos” (COUTO, 1997, p. 266). Diferentemente da guerra de independência, na qual todo o país reuniu-se para expulsar o colonizador português, a guerra civil moçambicana teve um caráter mais violento e arrasador, visto que se tratava de um confronto interno, entre irmãos de nacionalidade. No prefácio de *Estórias abensonhadas* lemos:

Estas estórias foram escritas depois da guerra. Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágoa e da esperança. Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo.

Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem, sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso. Em todo esse tempo, a terra guardou, inteiras, as suas vozes. Quando se lhes impôs o silêncio elas mudaram de mundo. No escuro permaneceram lunares.

Estas estórias falam desse território onde nos vamos refazendo, molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta. (COUTO, 1996, p. 6)

A consciência criadora do artista vem, pois, transformar em relatos poéticos a experiência do homem que, frente à progressiva destruição da nação e dos seus valores, resiste pela memória. “A memória dá a cada escritor um estatuto particular, porque ela testemunha a desestruturação à qual o colonialismo submeteu a cultura africana” (AFONSO, 2004, p. 36). A preservação dos valores tradicionais das culturas bantas configura-se, pois, como estratégia de resistência política.

O conto “Nas águas do tempo” (COUTO, 1996) é narrado por um narrador autodiegético. O termo diegese foi estabelecido por Genette, como sinônimo do que Todorov referenciava como história, ou seja, uma “sucessão de acontecimentos reais ou

fictícios que constituem o significado ou conteúdo narrativo” (REIS; LOPES, 2000, p. 49). Posteriormente, Genette preferiu designar como diegese o universo espaço-temporal em que se desenrola a história. Reis e Lopes sugerem que, apesar de Genette ter ressignificado o termo diegese depois, o mesmo ainda deve ser tomado em sua acepção primeira, como sinônimo de história, visto que dele derivaram outros termos (diegese, intradieгético, homodieгético, autodieгético etc.); segundo eles, “[...] os derivados de *diegese* devem continuar a ser utilizados para referenciar o plano da história” (REIS; LOPES, 2000, p. 27).

Um narrador autodieгético, portanto, é aquele que narra a própria experiência, constituindo-se como personagem central. Esse tipo de relação entre o narrador e a narrativa, elaborada por Genette, distingue-se de outros, nos quais o narrador ou presenciou a história como personagem (narrador homodieгético) ou narra fatos nos quais não teve qualquer participação (narrador heterodieгético).

Para definir, portanto, o estatuto do narrador, é necessário diferenciar o que chamamos de personagem central ou protagonista das personagens secundárias. Em “Nas águas do tempo” (COUTO, 1996), temos duas grandes personagens em ação: o menino e o avô. Determinar, contudo, qual delas desempenha o papel de maior relevo na narrativa é tarefa mais complexa. Se considerarmos que “a personagem define-se em termos de *relevo* [...], fundamentalmente por força da sua intervenção na *ação*” (REIS; LOPES, 2000, p. 217, grifos dos autores), então temos que considerar que a personagem central desta narrativa é o avô. É ele quem intervém no curso dos acontecimentos, é ele quem os conduz e os leva a termo. Estaríamos, então, diante de um narrador homodieгético.

Porém, se observamos que a personagem do menino – que mais tarde, adulto, virá a ser o narrador da sua própria história –, veremos que ele, assim como a do avô, tem um valor simbólico na narrativa. Cabe ao menino – a geração mais nova – preservar e manter vivos os ensinamentos do avô (o mais velho), transmitindo-os para a geração seguinte. Essa função é fundamental nas culturas bantas, que valorizam o “mais velho” como guardião da tradição e da sabedoria acumulada pelos antepassados, que fundamentam a sociedade tribal no seu modo de conhecer o mundo e relacionar-se com ele. As literaturas

africanas de língua portuguesa contemporâneas resgatam essa função, como parte de seu projeto de construção de uma identidade africana frente ao colonialismo:

A partir das literaturas africanas de língua portuguesa e dos mecanismos por elas desenvolvidos para recuperar uma tradição que fora sufocada pelo colonialismo, é possível identificar uma acentuada tendência de se retomarem as representações do velho, o guardador da memória do povo, e com elas compreender peculiaridades da cultura ancestral, tal como se evidencia em projetos de nação e de nacionalidade, assumidos como plataforma das lutas pela independência, nos espaços africanos de língua portuguesa. [...] Neste contexto, a literatura acentua uma feição celebrativa ou evocativa, em que a infância, como metáfora da origem, torna-se o lugar da possibilidade de igualdade e a tradição ancestral é valorizada para recompor significados modelados pelos projetos de feição nacionalista (MATA, 1997). As manifestações literárias dos espaços africanos de colonização portuguesa - e estou me referindo particularmente às de Angola e Moçambique - constroem-se, com frequência, como exaltação de temas ligados ao passado ancestral, espaço de gestação da identidade africana ansiosamente buscada. É nesse esforço pela reconstrução de uma identidade sufocada pela colonização que a tradição volta a ser valorizada e reorganizadas formas de identificação do homem com a terra e com os valores transmitidos pelos mais velhos. (FONSECA, [s/d.]).

O menino e o avô do conto que ora analisamos, portanto, elevam-se à categoria de personagens simbólicas, o que coloca a ambos no mesmo nível de relevo na narrativa. A função do menino é sobreviver aos fatos narrados e resgatá-los pela memória, a fim de melhor compreendê-los e de perpetuar a experiência vivida na infância: “A memória e a inteligência estão intimamente relacionadas, pois se não lembramos não podemos compreender” (FORSTER, 1974, p. 71). É por isso que o conto configura-se como um repetir da mesma viagem: o avô todas as tardes leva o neto pelo rio, rumo à lagoa onde ele, mais velho, avistava sinais dos antepassados; estes lhe acenavam da outra margem da vida. O intuito dessas viagens é que o menino aprenda, com o avô, a vislumbrar os tais panos, pois a interrupção do contato com os antepassados poderia trazer má sorte à família e à comunidade.

O narrador de “Nas águas do tempo” (COUTO, 1996) é, pois, um homem adulto, que relata em primeira pessoa uma experiência vivida na infância. Isto só é revelado ao

final do conto, nas duas últimas linhas; só então o leitor toma consciência de que se trata de um relato da memória evocado com a finalidade específica de repetir, no presente, a experiência vivida no passado, a fim de perpetuá-la: “A este rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem” (COUTO, 1996, p. 13). A recordação tem, pois, nesta narrativa, uma finalidade educativa: o homem adulto procura transmitir à geração posterior o legado que recebeu dos antepassados.

Se nos fosse permitida uma licença teórica que suspendesse por um instante a distinção entre os mundos real e ficcional, poderíamos concluir que o autor, ao dar voz a esse narrador, amplia a experiência individual de perpetuação de uma dada cultura, tornando-a globalizada; Mia Couto tornar-se-ia, então, colaborador desse narrador inominado, fixando definitivamente, pela arte, valores cuja preservação é tão cara às culturas de matriz banta. Autor e personagem tornar-se-iam, assim, cúmplices do avô ficcional, que lhes acenaria satisfeito com os brancos panos da outra margem.

A DIVE INTO “NAS ÁGUAS DO TEMPO”, BY MIA COUTO

ABSTRACT:

In the ensemble of works by Mia Couto, we notice that time is a recurrent theme. In this study, we present the way she develops herself, from one of her most paradigmatic short stories, named “Nas águas do tempo” (n.t.: “In the waters of time”). In this short story, the narrator receives the incumbency of giving continuity to the communication between the living and the dead, whose perpetuation was, for that community, a guarantee of peace.

KEYWORDS: African literatures in Portuguese language; Mozambican Literature; Mia Couto; Time.

Referências

AFONSO, Maria Fernanda. *O conto moçambicano: escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho, 2004.

CAVACAS, Fernanda. *Mia Couto: acrediteísmos*. Lisboa: Mar Além/Instituto Camões, 2001.

CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

_____. *A varanda do frangipani*. Lisboa: Caminho, 1997.

_____. *Cada homem é uma raça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

- _____. *Contos do nascer da terra*. Lisboa: Caminho, 1997.
- _____. *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1993.
- _____. *Estórias abensonhadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- _____. *Terra sonâmbula*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- _____. Um café com Mia Couto. [set. 1997]. Entrevistadora: Ana Cláudia da Silva. In: SILVA, Ana Cláudia da. *A autointertextualidade na obra ficcional de Mia Couto*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2010. p. 264-272.
- _____. *Vozes anoitecidas*. Lisboa: Caminho, 1986.
- _____. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CRAVEIRINHA, José. Prefácio à edição portuguesa. In: COUTO, Mia. *Vozes anoitecidas*. Lisboa: Caminho, 1986.
- FONSECA, Maria de Nazareth. Velho e velhice nas literaturas africanas de língua portuguesa contemporâneas. [s/d.] Disponível em: <<http://www.uea-angola.org/artigo.cfm?ID=484>>. Acesso em 15.09.2011.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Tradução de Maria Helena Martins. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1974.
- HOUAISS, Antônio et al. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0.5a. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 2000.
- RODRIGUES, José Carlos. *Imagens do tempo*. [s/d]. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n4_Rodrigues.pdf>. Acesso em 14 set. 2011.
- SILVA, Ana Cláudia da. *O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. E-book. Disponível em: <http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=138>. Acesso em: 23. 09. 2011.

Recebido em 29/09/2011.
Aprovado em 07/11/2011.